



**SOBRE O PROCESSO DE APAGAMENTO DO RÓTICO EM
CODA SILÁBICA: DIVERSIDADE REGIONAL
ON R-DELETION PROCESS IN CODA POSITION:
REGIONAL DIVERSITY**

Aline de Jesus Farias Oliveira¹

Vitor Gabriel Caldas²

Carolina Ribeiro Serra³

Resumo

Neste artigo, focalizamos o apagamento variável do rótico em posição de coda silábica, em duas cidades da região Nordeste do Brasil – Teresina e João Pessoa –, nas variedades culta e popular. Partimos de amostras do *corpus* do Projeto ALiB, composto por dados de fala espontânea de 16 indivíduos distribuídos por nível de escolaridade, região (João Pessoa e Teresina), faixa etária (de 18 a 30 anos e de 50 a 65 anos) e sexo. Nossa análise se baseia no aparato teórico-metodológico da sociolinguística quantitativa laboviana e tem por objetivo mostrar que, em dialetos do Nordeste brasileiro, o processo de apagamento do *R*, em coda silábica final, já se encontra quase concluído e atinge, com frequência significativa, a coda silábica medial. Além disso, buscamos aprofundar as hipóteses relativas à possibilidade de cada variante do *R* representar um passo na escala ordenada de enfraquecimento e estar relacionada ao tipo de realização do rótico: vibrante ou fricativa, anterior ou posterior. Assumimos que a preservação do segmento se dá preferencialmente nos dialetos em que o segmento mantém o caráter de vibrante ápico-alveolar. Partimos, assim, das hipóteses de (i) o processo ser gradiente e atingir principalmente as cidades do

1 Doutoranda na Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: alinejarias@gmail.com.

2 Doutorando na Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: vitorgabrielish@ufrj.br.

3 Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: carolinaserra@letras.ufrj.br.

Recebido em: 15/10/2018

Aceito em: 19/11/2018



A revista *Diadorim* utiliza uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/) (CC-BY-NC).

Nordeste, devido à norma de pronúncia do rótico; (ii) os falantes da região Nordeste do país já não inibirem o processo de cancelamento em fronteira interna à palavra, em contraposição a outras regiões, como Sudeste e Sul e (iii) haver um maior índice de cancelamento do *R* nos falantes de nível mais baixo de escolaridade, tratando-se de uma mudança de baixo para cima, em termos labovianos.

Palavras-chave: Apagamento; Rótico; Coda silábica; Variação.

Abstract

This paper focuses on the variable r-deletion in coda position, in two cities of the Northeast of Brazil – Teresina and João Pessoa –, in standard and non-standard varieties. We use samples of the *corpus* of the ALiB Project, composed by spontaneous speech data of 16 speakers grouped according to level of education, city (João Pessoa and Teresina) and age (18 to 30 years and 50 to 65 years). Our analysis is based on the theoretical and methodological apparatus of the quantitative labovian sociolinguistics and aims to show that in Brazilian Northeastern dialects the r-deletion process in final coda position is almost completed and reaches significant rate in medial position. Furthermore, we aim to deepen our hypothesis concerning the possibility that each *R* variant represents a step on the weakening scale of sonority and is related to the type of production of the rhotic: vibrant or fricative, anterior or posterior. We claim that the maintenance of the segment occurs in dialects in which the segment remains as an alveolar vibrant. The hypotheses are that (i) the process is continuous and reaches mainly the cities of the Northeastern region, due to the norm of production of the rhotic; (ii) speakers from this region apply the rule even in internal position, as opposed to speakers from other regions, such as the Southeast and the South of the country, and (iii) r-deletion reaches higher rates among speakers with lower levels of formal education, which allows one to characterize the phenomenon as a bottom to top change in labovian terms.

Keywords: Deletion; Rhotic; Syllabic coda; Variation.

Introdução

A variação é inerente a todas as línguas, se dá em vários níveis e pode ser condicionada por vários fatores, linguísticos ou sociais. Ao se observar a fala dos indivíduos de qualquer comunidade de fala, é possível detectar diversas formas linguísticas em variação: duas ou mais formas, com, por assim dizer, o *mesmo valor de verdade*. Ou seja, o falante pode optar por uma ou outra variante em determinado contexto sem que ocorra perda/mudança de significado; o conjunto dessas variantes compõe uma variável.

Focalizando o processo variável de cancelamento dos róticos em contexto de coda silábica final e medial, esta pesquisa toma por base os pressupostos da Teoria da Variação e Mudança, que tem por objetivo observar e descrever a variação linguística dentro de uma determinada comunidade de fala, ou seja, visa a descrever o uso real da língua a partir de dados vernáculos. São princípios fundamentais para o estudo da mudança linguística dentro desse modelo (i) o problema das restrições ao uso de formas em variação, ou seja, as próprias condições para a mudança; (ii) o problema da transição, dos estágios da mudança em progresso; (iii) o problema

do encaixamento da mudança na estrutura linguística, como um todo, e na estrutura social, no contexto mais amplo da comunidade de fala; (iv) o problema da avaliação, no que refere ao nível de consciência do falante sobre o uso das variantes; e (v) o problema da implementação, que envolve estímulos e restrições, tanto da sociedade como da estrutura linguística (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 1968, p. 102). Diferentemente de outros modelos linguísticos, a sociolinguística variacionista laboviana (LABOV, 1991 [1972], 1994), como um desenvolvimento natural da teoria de Weinreich *et alii*, admite a heterogeneidade da língua e busca verificar os fatores sociais e linguísticos que condicionam a variação e/ou o processo de mudança linguística.

Há, evidentemente, uma grande diferença entre aquilo que a tradição gramatical propõe ser o *português correto*, que deve ser escrito/falado, e o que, de fato, a comunidade de fala utiliza em seu vernáculo. Nesse sentido, a norma-padrão não é exatamente uma variante da língua, mas apenas uma abstração, cuja postulação tem por objetivo chegar a uma *uniformização*, enquanto a chamada norma-culta seria a variante linguística de uso real dos falantes mais escolarizados, em situações mais monitoradas. Não se deve esquecer que dentro de uma mesma comunidade há diferentes normas linguísticas que vão desde as variantes mais prestigiadas socialmente às menos prestigiadas.

O importante é ressaltar que em qualquer norma linguística, seja mais ou menos prestigiada, há variação e que esta não deve ser tratada como assistemática ou caótica, mas como um fenômeno que pressupõe uma heterogeneidade linguística não-aleatória, regida por um conjunto de regras explicáveis e previsíveis. A sociolinguística contribuiu para a “constatação de que muitas formas não-padrão também ocorrem na fala de pessoas com nível superior, principalmente nos momentos mais informais”, como constatam Cezario & Votre (2009, p. 142).

Como afirma Brandão (2013, p. 77), certifica-se

[...] que a variação é uma característica inerente a qualquer língua ou a qualquer de suas variedades; ciente de que qualquer indivíduo, por mais que tenha consciência de uma norma idealizada ou que dela saiba se utilizar com maestria, apresenta variação em seu desempenho linguístico; certo de que todas as variedades sociais e regionais são funcionalmente equivalentes por permitirem a intercomunicação entre seus usuários [...]

É inegável que há variantes que são estigmatizadas e outras que são mais aceitas socialmente. Há discussões a respeito do que pode ou não influenciar o estigma de um determinado fenômeno variável, mas se acredita que formas *mal vistas* pela sociedade dizem respeito àquelas que são associadas às camadas economicamente mais baixas e menos favorecidas, em termos de acesso aos bens de educação e cultura.

No âmbito fonético, um fenômeno variável que parece já não carregar o peso do estigma social é o cancelamento do rótico em coda final, ou seja, a queda do *R* em final de palavra. Diferentemente do rotacismo, o cancelamento do rótico nessa posição não é exclusivo da fala de

menos escolarizados, e Teyssier (1982) já verificava o caráter inovador do fenômeno se comparado ao comportamento linguístico de Portugal:

Pronúncia de r em final de sílaba — Em certos registros familiares e vulgares, o português do Brasil tende a suprimir o r no final das palavras; ex.: doutô (doutor), pegá (pegar), fazê (fazer).

Por uma reação, o r, que permanece nos registros mais formais, é pronunciado nessa posição como r forte de carro, quando em Portugal, nesse caso, o que se encontra é r brando de caro. O mesmo sucede em final de sílaba no interior da palavra; ex.: parte, certeza têm r forte no Brasil, mas r brando em Portugal (aspecto inovador da fonética brasileira). (TEYSSIER, 1982, p. 68)

Uma das principais e primeiras pesquisas na perspectiva sociolinguística, *A estratificação social do (r) nas lojas de departamentos na cidade de Nova York* de Labov (2008), mostra que a conservação do R ocorre com maior frequência na loja considerada de classe média/alta do que na loja de classe mais baixa, ou seja, a preservação do rótico parece ser um fator de prestígio.

Busca-se, portanto, neste artigo, verificar se os índices de cancelamento são equivalentes na fala dos menos e mais escolarizados, tanto na coda final quanto na medial.

A questão da variabilidade dos róticos vem sendo discutida mais detidamente sob a ótica da sociolinguística variacionista laboviana desde 1980 (CALLOU, 1987), não só em relação à norma de pronúncia, mas também ao processo de apagamento. Muitos trabalhos de cunho variacionista abordaram esse tema, tomando por base amostras de fala de mais escolarizados e menos escolarizados, do Rio de Janeiro e de outras regiões do país (CALLOU, LEITE & MORAES, 1996; MONARETTO, 2010; HORA & MONARETTO, 2003; CALLOU, SERRA, FARIAS & OLIVEIRA, 2013; FARIAS & OLIVEIRA, 2013a; FARIAS & CALLOU, 2014; CALLOU & SERRA, 2003, 2015), principalmente focalizando o processo de apagamento em coda silábica final.

A proposta

Na literatura, se encontram diversos trabalhos que abordam a variação entre a presença e a ausência do R em posição de coda silábica final. Partindo de trabalhos com resultados já expostos sobre o cancelamento do R no final do vocábulo, pretende-se estender a análise deste fenômeno variável para a fronteira silábica medial. Fazemos uma comparação entre os índices de apagamento do segmento em ambos os contextos silábicos, visto que o fenômeno de apagamento parece se comportar de maneira distinta nas diferentes fronteiras (de sílaba e de palavra). Além disso, buscamos analisar o fenômeno na fala de indivíduos de diferentes níveis de escolaridade e verificar quais fatores atuam e como atuam no cancelamento do rótico em cada um dos contextos de coda.

O principal objetivo é analisar mais a fundo duas capitais do Nordeste (Teresina e João

Pessoa), no que se refere ao cancelamento do rótico em posição de coda (medial e final), comparando ainda o comportamento linguístico de falantes mais escolarizados com o de falantes menos escolarizados. Portanto, os objetivos mais específicos do estudo são os seguintes: (a) descrever as diferenças entre o comportamento do fenômeno de apagamento do *R* em coda final e medial; (b) verificar quais grupos de fatores são importantes no processo de apagamento nos dois contextos de coda, e (c) averiguar se o fenômeno se comporta de maneira distinta na fala de indivíduos com diferentes níveis de escolaridade.

Trabalhos anteriores como o de Callou, Serra & Cunha (2015) sobre o apagamento do *R* na fala culta de todas as capitais do Nordeste motivaram a escolha do *corpus* e do tema. Lá, foram observados altos índices de apagamento do *R* na fala dos indivíduos mais escolarizados de João Pessoa, tanto em posição de coda final quanto medial. Em contrapartida, as autoras verificaram que, em Teresina, o processo se encontra menos avançado.

Podemos verificar, a seguir (Gráficos 1, 2 e 3), os percentuais de apagamento em coda final (verbos e não verbos) e medial (CALLOU, SERRA & CUNHA, 2015)⁴.

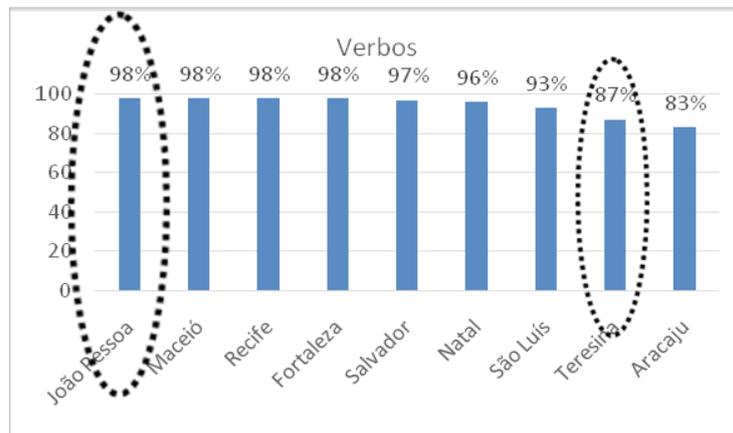


Gráfico 1: Percentual de apagamento do *R* nos verbos das capitais do Nordeste – coda final – falantes mais escolarizados (CALLOU, SERRA & CUNHA, 2015, p. 204)

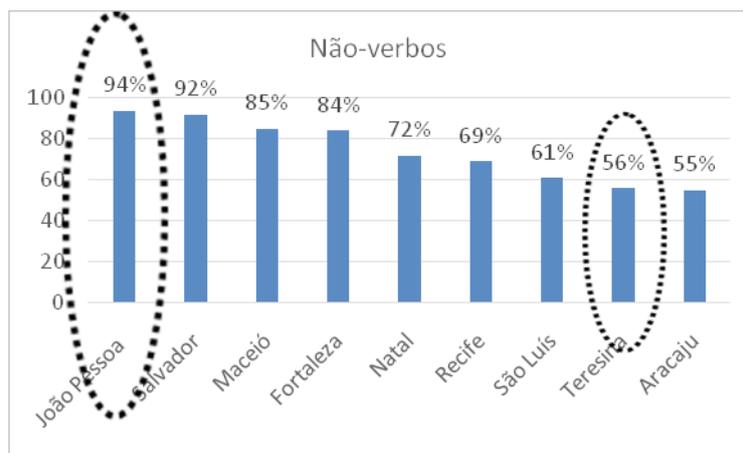


Gráfico 2: Percentual de apagamento do *R* nos não verbos das capitais do Nordeste – coda final – falantes mais escolarizados (CALLOU, SERRA & CUNHA, 2015, p. 207)

4 Os percentuais de apagamento foram arredondados para melhor exibição dos resultados.

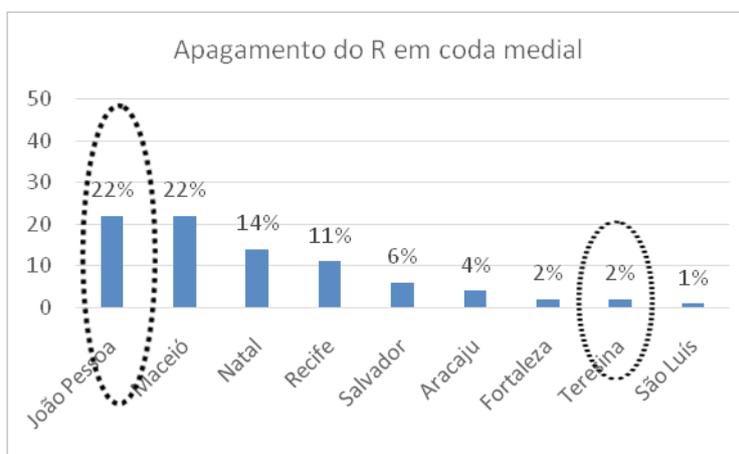


Gráfico 3: Apagamento do *R* das capitais do Nordeste – coda medial – falantes mais escolarizados (CALLOU, SERRA & CUNHA, 2015, p. 214)

Neste artigo, avançamos na análise, realizando a comparação do apagamento do *R* na fala de indivíduos com maior e menor grau de escolarização (as chamadas fala culta e popular), das cidades de João Pessoa e Teresina. Observamos se a tendência encontrada na fala dos mais escolarizados dessas cidades também é verificada na fala de indivíduos com baixa escolaridade, ou seja, averiguamos se o processo de apagamento do *R* está mais avançado em João Pessoa, se comparado à Teresina, também na fala de indivíduos que possuem menos anos de escolarização. Teyssier (1982) já afirmava que as diferenças entre os falantes mais escolarizados e menos escolarizados de uma mesma região podem ser mais significativas do que a diferença entre falantes com o mesmo grau de instrução de regiões diferentes:

Há, hoje, na língua do Brasil uma certa diversidade geográfica. Os lingüistas vêm tentando elaborar o mapa dos “dialetos” brasileiros, à semelhança do que se tem feito para as línguas européias. Distinguem um Norte e um Sul, cuja fronteira se identificaria, grosso modo, com uma linha que, partindo da costa, seguisse da foz do rio Mucuri (extremo sul do Estado da Bahia) até à cidade de Mato-Grosso, no Estado do mesmo nome, próximo à fronteira boliviana. A realidade, porém, é que as divisões “dialetais” no Brasil são menos geográficas que socioculturais. As diferenças na maneira de falar são maiores, num determinado lugar, entre um homem culto e o vizinho analfabeto que entre dois brasileiros do mesmo nível cultural originários de duas regiões distantes uma da outra. A dialetologia brasileira será, assim, menos horizontal que vertical. (TEYSSIER, 1982, p. 64 -5)

Corpus e metodologia

A amostra em análise é composta por registros de fala espontânea de 16 indivíduos, distribuídos por nível de escolaridade (menos escolarizados – indivíduos com até a sétima série do ensino fundamental; mais escolarizados – nível superior), região (João Pessoa e Teresina), faixa etária (18 a 30 anos e 50 a 65 anos) e sexo (masculino e feminino) – dados esses obtidos do *corpus* do projeto ALiB (*Atlas Linguístico do Brasil*, Comitê Nacional do ALiB, 2001), constituído na primeira década deste século.

Tomamos como ponto de partida os dados analisados no trabalho de Callou, Serra & Cunha (2015), também constitutivos do Projeto ALiB. No referido trabalho, as autoras analisam o apagamento do *R* na fala dos mais escolarizados das nove capitais do Nordeste e o *corpus* é composto por quatro falantes cultos de cada cidade totalizando, 36 indivíduos – distribuídos por sexo e faixa etária.

O *corpus* do projeto ALiB é composto por diferentes questionários direcionados para aspectos:

(a) fonético-fonológico – 159 perguntas, às quais se juntam 11 questões de prosódia; (b) semântico-lexical – 202 perguntas; e (c) morfossintático – 49 perguntas.

A esses três tipos de questionários, acrescentam-se: questões de pragmática (04), temas para discursos semidirigidos – relato pessoal, comentário, descrição e relato não pessoal (05), perguntas metalinguísticas (06) e um texto para leitura – a “Parábola dos sete vimes” (www.alib.ufba.br).

Com objetivo de selecionar a fala mais espontânea possível, são descartados os minutos iniciais das gravações e selecionadas as falas registradas durante as conversas desenvolvidas a partir da proposta dos *Temas para discurso semidirigidos*, que foram complementadas ainda com trechos de conversa espontânea ocorridos durante toda a gravação. Esses trechos de fala constituem registros mais naturais da produção dos falantes, visto que são compostos por acontecimentos marcantes que o falante relata sobre sua vida e de conhecidos. Os dados foram recolhidos, portanto, dos trechos mais contínuos de fala espontânea, sendo excluídos aqueles que foram produtos de respostas monovocabulares dos questionários fonético-fonológico, semântico-lexical e morfossintático.

Fazemos uso dos conceitos de variação e mudança, na linha proposta por Labov (1994), a fim de verificar possíveis condicionamentos linguísticos e sociais que atuam no processo de apagamento do *R*. A amostra foi composta por todas as ocorrências de *R* em coda final e medial de oito falantes de Teresina e oito de João Pessoa. Após o levantamento desses dados, foi feita a sua codificação e posterior processamento no programa estatístico *GoldVarb X* (SANKOFF, TAGLIAMONTE & SMITH, 2005).

Além disso, é importante dizer que (i) foram feitas rodadas separadas para coda medial e coda final, uma vez que, como já explicitado, os contextos apresentam comportamentos distintos; (ii) os dados de cada cidade foram rodados separadamente, ou seja, há um resultado quantitativo para Teresina e outro para João Pessoa e (iii) os dados de coda final foram separados entre verbos e não verbos, pois a classe morfológica já se mostrou, em muitos estudos, o fator diferenciador no fenômeno: os verbos estão em um processo mais avançado de apagamento relativamente aos não verbos (v. Cartas F04 C 1, F04 C 2, F04 C 3, F04 C 4 do segundo volume do *Atlas Linguístico do Brasil*, CARDOSO *et al.*, 2014).

Um dos passos metodológicos da análise é a codificação sociolinguística dos dados, que se deu a partir de variáveis (linguísticas e sociais) que podem ter relação com a aplicação da regra variável de cancelamento do rótico e a partir de hipóteses formuladas a partir de outros estudos e do avanço no tratamento do fenômeno. A literatura aponta a importância da *classe morfológica do vocábulo*, com a oposição entre verbos e não verbos (a principal delas); da *dimensão do vocábulo em número de sílabas*, com a oposição entre monossílabos e polissílabos; do *contexto subsequente* de vogal, consoante, ou pausa; do *sexo*, da *faixa etária*, da *escolaridade* e da *origem geográfica do falante* como fatores a serem levados em conta na atuação do processo. Todas essas variáveis serão consideradas na nossa análise.

No que se refere à análise do comportamento do rótico em coda final, toda a literatura no português brasileiro aponta a classe morfológica como um dos principais grupos de fatores que influencia o fenômeno. Cezario & Votre (2009, p. 144) dizem que “as pesquisas mostram que o *R* final de verbo no infinitivo é, na maioria das vezes, mais eliminado da fala de informantes de todos os graus de escolaridades do que o *R* final de substantivos e adjetivos.” Acredita-se que nos verbos, o *R* é uma marca morfológica redundante – e, por isso, haveria menor tendência de realização, visto que o infinitivo verbal é marcado pelo acento lexical e pela coda na mesma sílaba final, o que explicaria o fato de nos verbos haver, comprovadamente, maior índice de apagamento do rótico do que nos não verbos, em que o rótico não representa marca morfológica independente.

Relativamente à variável dimensão do vocábulo em número de sílabas, os estudos apontam que os falantes tendem a cancelar mais o rótico em vocábulos maiores do que em vocábulos monossilábicos: o *R* é menos saliente em vocábulos maiores. O contexto subsequente ao rótico em coda também é uma variável a ser considerada na análise: a pausa – pista que indica fronteira de sintagma entoacional (IP) – apresenta índices maiores de preservação, enquanto, em contexto de consoante subsequente, a probabilidade do rótico não ser realizado é maior.

Trabalhos clássicos (GAUCHAT, 1905; LABOV, 1966; CALLOU, 1987) e de grande importância para a sociolinguística já afirmavam que “Não raro, as mulheres tendem a liderar processos de mudança linguística, estando, muitas vezes, uma geração à frente dos homens” (PAIVA, 2013, p. 36) e

Quando se trata de implementar na língua uma forma socialmente prestigiada, (...) as mulheres tendem a assumir a liderança da mudança. Ao contrário, quando se trata de implementar uma forma socialmente desprestigiada, as mulheres assumem uma atitude conservadora e os homens tomam a liderança desse processo. (PAIVA, 2013, p. 36)

Percebemos, então, que há diferenças linguísticas entre o comportamento de homens e mulheres e, por isso, em estudos sociolinguísticos, normalmente a variável sexo é testada, relacionada ou não à faixa etária do falante, que é uma outra variável social do nosso estudo. Como

já foi atestado em outros trabalhos “(...) os falantes mais velhos costumam preservar mais as formas antigas” (NARO, 2013, p. 70). Além disso, “(...) as mudanças linguísticas normalmente se processam de maneira gradual em várias dimensões”. Assim, observamos o comportamento linguístico de falantes de duas diferentes faixas etárias (18 a 30 anos e 50 a 65 anos), a fim de capturar o avanço do cancelamento em cada uma delas:

(...) a mudança linguística não é absolutamente mecânica e regular a curto prazo. Em qualquer estado real da língua, costumam coexistir formas de diversos estágios de evolução, apesar do fato de que a longo prazo – normalmente no espaço de várias gerações – a mudança quase sempre acaba afetando todos os itens lexicais e todas as estruturas de um determinado tipo. (MOLLICA & BRAGA, 2013, p. 43)

Baseados nestas postulações, buscamos verificar se a faixa etária seria um grupo de fatores que influenciaria a atuação do fenômeno de apagamento do rótico, pois as mudanças linguísticas não são abruptas e normalmente têm início na falados indivíduos mais jovens.

No que diz respeito ao grau de instrução, buscamos verificar, como dito anteriormente, se o fenômeno de apagamento do rótico atua de maneira diferenciada na fala de indivíduos de níveis de escolaridades distintos. Parte-se da hipótese de que, na fala de indivíduos menos escolarizados, haveria maiores índices de cancelamento do *R*, e a preservação seria maior na fala de indivíduos mais escolarizados.

Como o comportamento do rótico é diferente em coda medial relativamente à coda final, sendo muito mais frequente o cancelamento na borda da palavra do que no seu interior, foram realizadas também rodadas estatísticas separadas para cada contexto. Enquanto para as rodadas de coda final foram testadas seis variáveis, para a análise do fenômeno na coda medial, selecionamos cinco grupos de fatores: a variável *contexto subsequente* foi eliminada, pois não há, em coda medial, a possibilidade de haver uma contraposição entre *pausa x consoante*, uma vez que, nessa posição específica, só há a possibilidade de o contexto subsequente ser uma consoante e nunca uma pausa. Os demais grupos de fatores permaneceram os mesmos: classe morfológica – verbo x não-verbo, dimensão do vocábulo, consoante subsequente, sexo – masculino x feminino, faixa etária – 18 a 30 anos e 50 a 65 anos, e escolaridade – menos escolarizados e mais escolarizados.

Partimos de três hipóteses principais: (a) o processo é gradiente e atinge principalmente as cidades do Nordeste, região em que a norma de realização do rótico é uma fricativa [-ant], uma aspiração; (b) os falantes da região Nordeste do país já não inibem o processo de cancelamento em fronteira interna de palavra (coda medial), em contraposição aos da região Sudeste e Sul; e (c) o fenômeno é mais expressivo na fala de indivíduos de escolaridade mais baixa.

A postulação da primeira hipótese se justifica pelo fato de a manutenção do segmento se dar, preferencialmente, nos dialetos em que a consoante possui o caráter de vibrante ápico-al-

veolar (CALLOU, LEITE & MORAES, 1996; MONARETTO, 2010; LEITE, 2011; HORA & MONARETTO, 2003). No Nordeste, a norma de pronúncia registrada é uma fricativa [-ant] (CARDOSO *et alii*, 2014) e haveria, portanto, maior tendência à queda do segmento, levando em conta as possíveis etapas do processo de enfraquecimento que levam à simplificação da estrutura silábica (CVC → CV) no Português do Brasil (CALLOU, 1987).

A segunda hipótese se fundamenta na comprovação de que os falares da região Nordeste do Brasil apresentam um estágio avançado no processo de cancelamento do rótico em coda final (FARIAS & OLIVEIRA, 2013b; CARDOSO *et alii*, 2014; CALLOU, SERRA & CUNHA, 2015). Verificou-se que, em alguns dialetos do Nordeste, o apagamento do rótico em coda final é quase categórico e estaria de tal forma avançado que atingiria a coda silábica medial.

A terceira hipótese parte do princípio de que se trata de uma mudança de baixo para cima, em termos labovianos, ou seja, que tenha começado na fala dos menos escolarizados e se espalhado por toda a comunidade de fala:

Para ilustrar como fenômenos sociais estão intrinsecamente ligados a fenômenos linguísticos, tomemos como exemplo o processo de apagamento do *R* em posição final. Considerado uma mudança “de baixo para cima”, usado nas peças de Gil Vicente para caracterizar a fala de negros, tem hoje uso irrestrito, não sendo privativo de mulheres ou de qualquer etnia, classe social ou nível de escolaridade. (...) Isso talvez indique que esse tipo de pronúncia não seja mais estigmatizado. (LEITE & CALLOU, 2002, p. 37).

Resultados e discussão

Para a exposição dos resultados, apresentamos os dados dos indivíduos de João Pessoa e dos de Teresina, separadamente, visto que essas cidades apresentam comportamentos distintos (CALLOU, SERRA & CUNHA, 2015). Nas primeiras rodadas estatísticas, a variável escolaridade foi selecionada como a mais relevante em todos os casos (coda final de verbos e não verbos, e coda medial), razão pela qual decidimos analisar os dados de fala culta e popular em separado. Igualmente foram realizadas rodadas separadas para verbos e não verbos, visto que há diferenças significativas entre o apagamento do segmento a depender da classe morfológica dos vocábulos, como expusemos anteriormente.

Começamos, então, por expor os resultados da cidade de João Pessoa, para a coda final dos verbos, dos não verbos e para a coda medial, por nível de escolaridade; e, na sequência, o mesmo se dá para a exposição dos dados de Teresina.

João Pessoa – Apagamento do rótico em coda final de verbos

Em João Pessoa, bem como em Teresina, confirma-se que o *R* é muito frequentemente cancelado nos verbos: o percentual de apagamento na fala dos menos escolarizados foi de

97% (de 205 ocorrências, houve sete realizações), não tendo sido selecionada qualquer variável em virtude de o processo ser quase categórico (Gráfico 5 – Exemplo 1). Com esse resultado, atesta-se que praticamente não há diferença entre os índices percentuais de apagamento do *R* por nível de escolaridade, visto que foi encontrado o índice de 98% de apagamento na fala dos cultos (Gráfico 4 – Exemplo 2): 111 ocorrências de verbos com o rótico na posição de coda final e apenas duas realizações. Apesar disso, a rodada estatística indicou que, entre os mais escolarizados (*Input*: 0.971), a pausa desfavorece a queda do *R* enquanto as consoantes em contexto subsequente a favorecem (PR: 0.24 x 0.79, respectivamente) e que falantes da primeira faixa etária apagam mais o rótico do que os demais (PR: 0.66 x 0.38, respectivamente). Esses resultados vão ao encontro da hipótese de que a pausa, pista prosódica da fronteira de sintagma entoacional, inibe a aplicação de processos segmentais de limite de palavras (TENANI, 2002; SERRA & CALLOU, 2013, 2015) e da hipótese de que os indivíduos mais jovens lideram a implementação da forma inovadora no sistema.



Gráfico 4: Apagamento do *R* em verbos – falantes mais escolarizados de João Pessoa.



Gráfico 5: Apagamento do *R* em verbos – falantes menos escolarizados de João Pessoa.

(1) Eu tinha passado no... no *vestibulaØ* e eu precisei *fazeØ* uma cirurgia. (João Pessoa – Inf. 01 – menor escolaridade)

(2) Eu gosto muito de *assistiØ* a filmes. (João Pessoa – Inf. 04 – maior escolaridade)

João Pessoa – Apagamento do rótico em coda final de não verbos

Os resultados relativos aos não verbos revelaram um comportamento diferenciado. Esperávamos que o índice de cancelamento do segmento fosse maior na fala dos menos escolarizados, entretanto, os números apontam para uma direção oposta: foi registrado um maior percentual de apagamento na fala dos indivíduos com nível superior completo, como podemos verificar nos Gráficos 6 e 7 (Exemplos 3 e 4), a seguir. De toda forma, esses resultados nos sugerem que o fenômeno de apagamento do rótico em coda final não é mais estigmatizado socialmente.

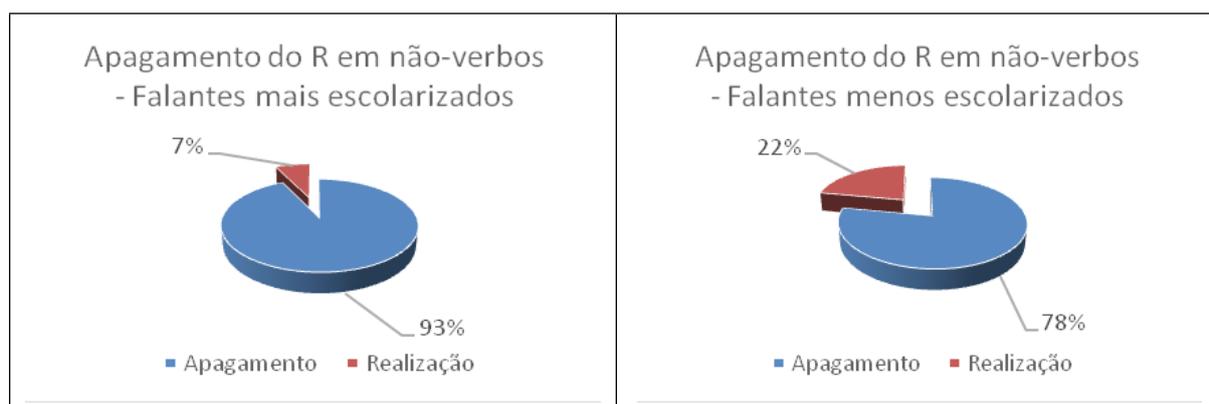


Gráfico 6: Apagamento do R em não verbos – falantes mais escolarizados de João Pessoa

Gráfico 7: Apagamento do R em não verbos – falantes menos escolarizados de João Pessoa

(3) E atuei também como *professoØ* substituto durante um ano na universidade aqui. (João Pessoa – Inf. 05 – maior escolaridade)

(4) E a minha irmã, ela não trabalha, ela é do *lar* mesmo, de casa. (João Pessoa – Inf. 02 – menor escolaridade)

Mais uma vez, devido ao alto índice de apagamento do rótico, na fala dos mais escolarizados da capital paraibana, não foram apontadas variáveis favorecedoras do cancelamento em não verbos.

Para a rodada dos dados dos menos escolarizados de João Pessoa, foram selecionados dois grupos de fatores como influentes no processo de apagamento do rótico nos não verbos, sendo uma das variáveis linguística e outra social: a dimensão do vocábulo e a faixa etária (Tabelas 1 e 2).

Dimensão do Vocábulo	Oco/Total	% de apagamento	Peso Relativo
1	4/14	29%	0.04
2	50/57	88%	0.64
3	5/6	83%	0.53
4	7/8	88%	0.71

Tabela 1: Apagamento do R em não-verbos em relação à dimensão do vocábulo – falantes menos escolarizados de João Pessoa (*Input: 0.837*)

(5) No *bar* que eles trabalhavam... (João Pessoa – Inf. 06 – maior escolaridade)

(6) Trabalhei numa escola *particulaØ* no ensino fundamental e médio. (João Pessoa – Inf. 06 – maior escolaridade)

Faixa etária	Oco/Total	% de apagamento	Peso Relativo
18 – 30 anos	36/44	82%	0.68
50 – 65 anos	30/41	73%	0.29

Tabela 2: Apagamento do R em não verbos em relação à faixa etária – falantes menos escolarizados de João Pessoa (*Input: 0.837*)

Notamos, a partir dos dados apresentados na Tabela 1, que há uma nítida oposição entre vocábulos mono e polissilábicos (Exemplos 5 e 6): enquanto nos monossílabos o peso relativo de apagamento é de 0.04, em palavras com maior número de sílabas, o peso relativo é sempre superior ao ponto neutro, atingindo 0.71 entre os vocábulos de 4 sílabas. Esses resultados vão ao encontro da hipótese clássica relativa à dimensão do vocábulo: há maior tendência de preservação do segmento em vocábulos menores, nos quais o rótico é mais saliente, se comparados aos de maior quantidade de sílabas.

A outra variável selecionada foi a faixa etária do falante (Tabela 2). Conforme nossa hipótese inicial em relação à faixa etária, mais uma vez, os falantes mais velhos tendem a utilizar a forma mais antiga – neste caso, o rótico (consoante fricativa). Os falantes mais jovens tendem a utilizar mais a forma inovadora, ou seja, o zero fonético, confirmando o processo de mudança em curso.

João Pessoa – Apagamento do rótico em coda medial

A atuação do fenômeno de cancelamento do rótico não é a mesma em coda silábica final e medial, evidenciando a importância de se observar os fenômenos segmentais distinguindo-se fronteira de sílaba e fronteira de palavra. Enquanto o processo na coda final se encontra extremamente avançado, o fenômeno na coda medial ainda está em seu início. A hipótese é que nos dialetos em que o apagamento do *R* em coda final é quase categórico, o fenômeno de apagamento já atinja a coda interna.

E é exatamente o que acontece em João Pessoa: a capital da região Nordeste do Brasil com maiores índices de apagamento do *R* em coda final (CALLOU, SERRA & CUNHA, 2015) também registrou índices relativamente elevados de cancelamento do *R* em posição de coda medial. Com altos índices de apagamento do *R* em coda final registrados na fala dos indivíduos mais escolarizados (96%) e na fala dos indivíduos com baixa escolaridade (88%), os números relativos ao fenômeno na coda medial também são considerados altos (Gráficos 8 e 9), se comparados às demais cidades do Nordeste. Exemplos que retratam o cancelamento e a manutenção do rótico em coda medial são apresentados em (7) e (8), a seguir.

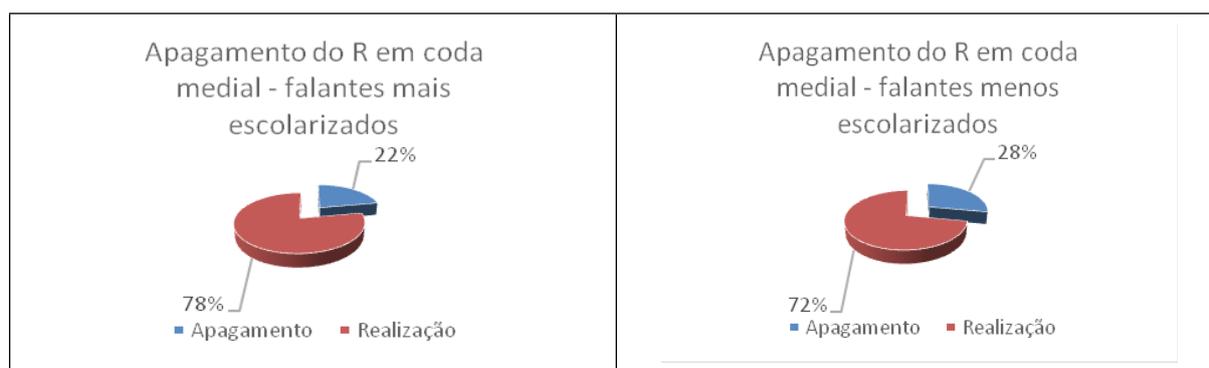


Gráfico 8: Apagamento do R em coda medial – falantes mais escolarizados de João Pessoa

Gráfico 9: Apagamento do R em coda medial – falantes menos escolarizados de João Pessoa

(7) Quando eu estava, né, prestes a entrar na *univeOsidade* (...). (João Pessoa – Inf. 07 – maior escolaridade)

(8) Então foi uma experiência meio *marcante*, embora tenha sido um pouco ruim. (João Pessoa – Inf. 03 – menor escolaridade)

O percentual de apagamento do R, em coda medial, é ainda mais alto em falantes de baixa escolaridade. Conforme os Gráficos 8 e 9 indicam, o apagamento do segmento em coda medial na fala dos mais escolarizados é de 22% e na fala dos menos escolarizados, 28%.

A variável que se mostra mais significativa no processo de apagamento do rótico em coda final não apresenta o mesmo peso em coda medial: a diferenciação entre classe morfológica não foi um grupo de fator apontado como relevante no processo de apagamento.

A consoante subsequente foi selecionada como fator relevante no processo de apagamento, tanto no que se refere a falantes mais escolarizados quanto a falantes com baixa escolaridade, conforme apontam as Tabelas 3 e 4 (ver também os Exemplos 9, 10 e 11). De forma geral, vemos que as fricativas favorecem o cancelamento, como um resultado bastante natural de assimilação de traços e posterior queda do segmento rótico, já que, nas localidades investigadas, sua realização é também fricativa.

Consoante subsequente	Oco/Total	% de apagamento	Peso Relativo
/s/	29/30	97%	0.97
/ /	2/3	67%	0.97
/v/	2/5	40%	0.80
/k/	9/36	25%	0.10
/d/	1/16	6%	0.04

Tabela 3: Apagamento do R na coda medial em relação à consoante subsequente – falantes mais escolarizados de João Pessoa (*Input*: 0.505)

(9) Não, no momento eu só estou me dedicando ao *cuOsso*. (João Pessoa – Inf. 07 – maior escolaridade)

(10) Quando a gente saiu dessa tomografia, *conveOsando* com painho, olhando pra ele; e ele teve um AVC na minha frente. (João Pessoa – Inf. 08 – maior escolaridade)

Consoante subsequente	Oco/Total	% de apagamento	Peso Relativo
/s/	20/23	87%	0.95
/v/	7/11	64%	0.88
/k/	12/25	48%	0.76
/ /	1/3	33%	0.52
/m/	3/26	12%	0.27
/d/	2/24	8%	0.22
/t/	3/44	7%	0.20

Tabela 4: Apagamento do R na coda medial em relação à consoante subsequente – falantes menos escolarizados de João Pessoa (*Input: 0.505*)

(11) Eu tinha passado no... no vestibular e eu precisei fazer uma *ciruOgia*. (João Pessoa – Inf. 04 – menor escolaridade)

No que se refere especificamente à consoante subsequente que mais favorece o apagamento do rótico, a consoante /s/, como nos vocábulos *universidade*, *curso*, *conversa*, *terceiro*, ao que parece, a presença dessa fricativa alveolar favorece o cancelamento por uma possível assimilação total ($R+S \rightarrow S+S \rightarrow S$), processo fonológico muito produtivo na história da passagem do latim para o português como explica Williams (1975, p. 86):

A maioria das modificações sofridas pelos grupos consonantais mediais teve seu começo em latim vulgar, e é geralmente difícil determinar quando haviam progredido pelo início do período português. Há uns poucos, entretanto, que claramente ocorreram em latim vulgar.

rs mediais do latim clássico > latim vulgar e português *ss*: *persicum* > *pê-sego*; *personam* > *pessoa*; *ursum* > *usso* (arcaico); *uersum* > *uesso* (arcaico). (WILLIAMS, 1975)

Teresina – Apagamento do rótico em coda final de verbos

Na capital do Piauí, verificamos um índice maior de apagamento na fala dos menos escolarizados, tanto no que se refere a verbos quanto a não verbos. Porém, mais uma vez, os índices de apagamento são ainda maiores nos verbos, como era esperado (Gráficos 10 e 11, Exemplos 12 e 13).

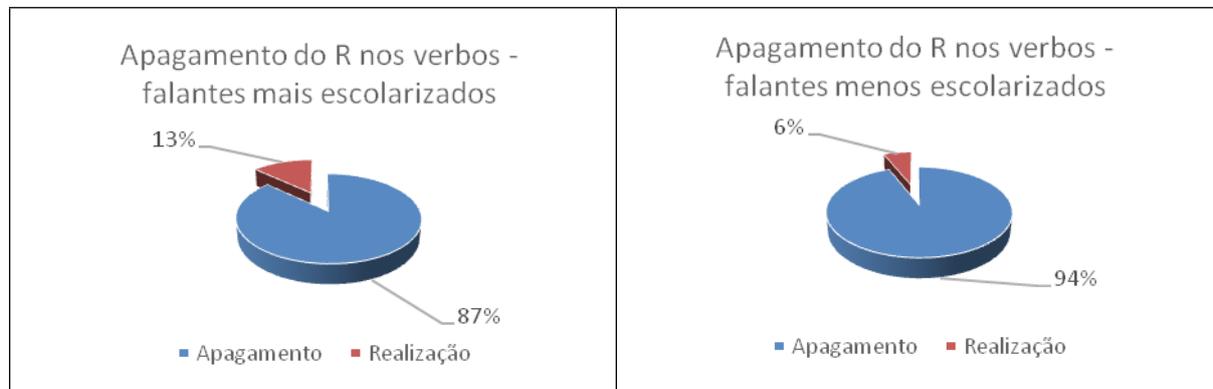


Gráfico 10: Apagamento do R em verbos – falantes mais escolarizados de Teresina

Gráfico 11: Apagamento do R em verbos – falantes menos escolarizados de Teresina

(12) A gente ia *passaØ* final de semana. (Teresina – Inf. 01 – menor escolaridade)

(13) Antes de *iØ* pra rua, também vejo se tem algum bazineho. (Teresina – Inf. 05 – maior escolaridade)

Nenhuma variável foi selecionada como significativa no processo de apagamento do rótico na fala dos indivíduos com nível superior de Teresina, apenas se registrou, na fala dos menos escolarizados, menor percentual de apagamento diante de pausa (88% de realização do rótico quando o contexto é de pausa, 7/8 dados) – o que remete à hipótese da fronteira prosódica (CALLOU & SERRA, 2013, 2015), visto que a pausa é uma das principais pistas de fronteira de sintagma entoacional, na qual há maior tendência à preservação do rótico.

Teresina – Apagamento do rótico em coda final de não verbos

A maior diferença no comportamento do fenômeno de apagamento entre as duas cidades aqui estudadas se encontra nos resultados relativos aos não verbos da fala dos mais escolarizados. Enquanto, em João Pessoa, obtivemos apagamento de 93%, nos não verbos (falantes mais escolarizados), em Teresina, registrou-se o índice de 56% (Gráfico 12, Exemplo 14), uma diferença percentual de mais de 30%. Entretanto, esta diferença só foi verificada na fala de indivíduos mais escolarizados, visto que, em contrapartida, na fala de indivíduos com baixa escolaridade, em João Pessoa, o percentual de cancelamento foi de 78% e, na capital do Piauí, 74% (Gráfico 13, Exemplo 15); ou seja, o comportamento do fenômeno variável é semelhante entre as localidades apenas no que se refere aos não verbos, na fala dos indivíduos menos es-

colarizados.

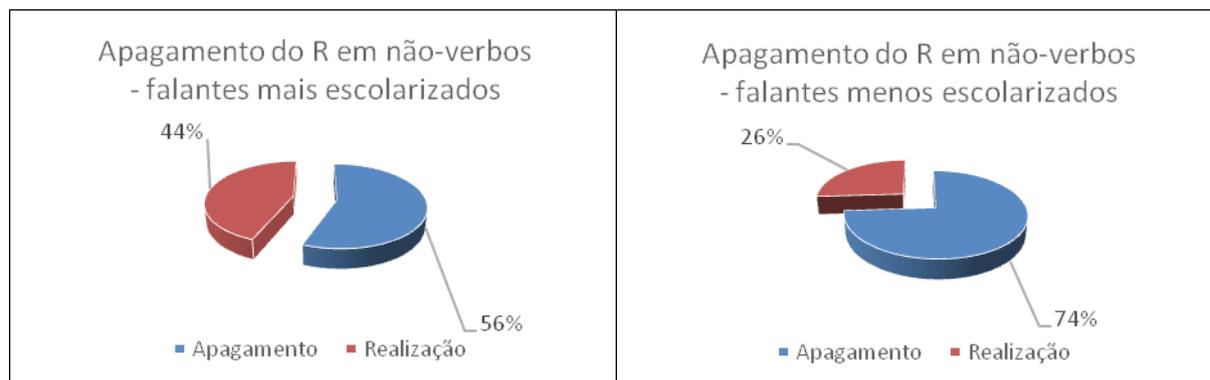


Gráfico 12: Apagamento do R em não verbos – falantes mais escolarizados de Teresina

Gráfico 13: Apagamento do R em não verbos – falantes menos escolarizados de Teresina

(14) Quando sair, eu pretendo dar uma volta em algum *lugaØ*. (Teresina – Inf. 06 – maior escolaridade)

(15) Mexo com a *colheØ*, ai depois (...). (Teresina – Inf. 02 – menor escolaridade)

Assim como em João Pessoa, a variável que se mostra mais atuante em Teresina – além da classe morfológica – é a dimensão do vocábulo, tanto na fala dos mais escolarizados quanto na dos menos escolarizados. A Tabela 5 mostra essa oposição, em relação aos não verbos, na fala dos mais escolarizados (Exemplo 16 e 17), e a Tabela 6, aos não verbos, na fala dos menos escolarizados (Exemplo 18 e 19).

Dimensão do vocábulo	Oco/Total	% de apagamento	Peso Relativo
1	10/53	19%	0.12
2	46/61	75%	0.73
3	9/14	64%	0.56
4	18/21	88%	0.84

Tabela 5: Apagamento do R em não verbos em relação à dimensão do vocábulo – falantes mais escolarizados de Teresina (*Input:* 0.611)

(16) O mais bonito aqui é o *pôr* do sol mesmo. (Teresina – Inf. 06 – maior escolaridade)

(17) Eu tenho um exemplo bem *melhoØ*, porque... eu noto... Eu já conheci um pouco o estado, quando (...). (Teresina – Inf. 06 – maior escolaridade)

Dimensão do vocábulo	Oco/Total	% de apagamento	Peso Relativo
1	8/14	36%	0.15
2	27/30	90%	0.77

Tabela 6: Apagamento do *R* em não verbos em relação à dimensão do vocábulo – falantes menos escolarizados de Teresina (*Input*: 0.611)

(18) Aí que deixo a gente tudo na *flor* da pele (Teresina – Inf. 02 – menor escolaridade)

(19) Termina com a *mulheØ* depois volta. (Teresina – Inf. 03 – menor escolaridade)

Analogamente ao que se viu na fala pessoense, fica evidente também para Teresina, a partir das tabelas apresentadas, que há uma diferenciação no apagamento do *R* em vocábulos monossilábicos: o apagamento é muito menos frequente (e desfavorecido) em palavras de uma sílaba. Na Tabela 6, não há a indicação de vocábulos de três, quatro, cinco e seis sílabas, pois o apagamento, nestes casos, foi categórico; mais um indício de que o apagamento é mais frequente em vocábulos maiores. No *corpus* de fala dos indivíduos com baixa escolaridade de Teresina, registraram-se cinco palavras trissílabas e cinco tetrassílabas; uma com cinco sílabas e duas com seis sílabas e, em nenhum dos casos, houve a realização do *R* por parte do falante.

Teresina – Apagamento do rótico em coda medial

Os resultados relativos à coda medial demonstram, mais uma vez, a diferenciação de atuação do processo por nível de escolaridade. Em falantes mais escolarizados, em Teresina, o índice de apagamento do *R* em coda medial é de apenas 2% (Gráfico 14), enquanto na fala dos menos escolarizados, o percentual chega a 13% (Gráfico 15, Exemplos 20 e 21).

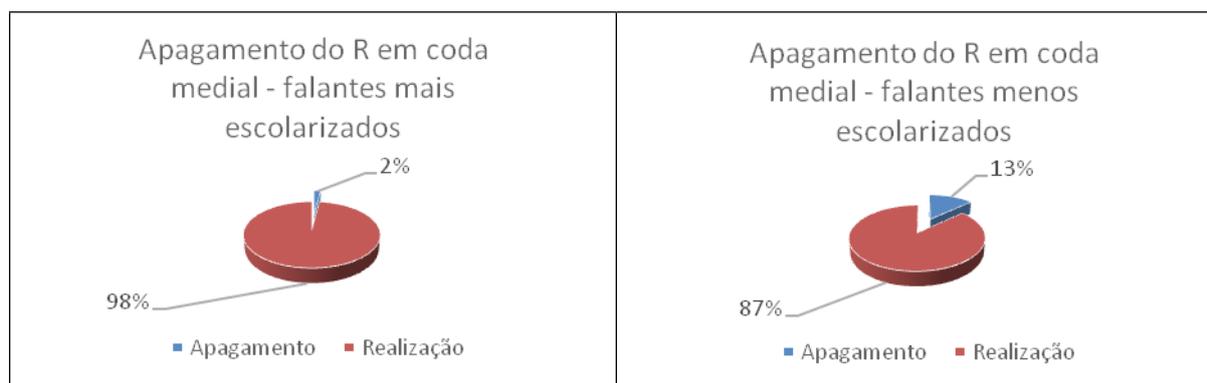


Gráfico 14: Apagamento do *R* em coda medial – falantes mais escolarizados de Teresina

Gráfico 15: Apagamento do *R* em coda medial – falantes menos escolarizados de Teresina

(20) Num *albeØgue* daquele ali. (Teresina – Inf. 02 – menor escolaridade)

(21) Eu corto, lavo (...). (Teresina – Inf. 02 – menor escolaridade)

Como se pode perceber, os índices de apagamento do *R* em posição de coda medial ainda são baixos na fala dos mais escolarizados; das 235 ocorrências do rótico nesta posição, o apagamento foi registrado em apenas quatro itens lexicais: *participar*, *percurso*, *jornais* e *barzinho*.

Em coda medial, na fala dos menos escolarizados, o tipo de consoante subsequente é apontado como a variável mais relevante na atuação do processo. Como se pode verificar na Tabela 7, a queda do rótico é mais frequente diante de [k] e [s] (Exemplos 22 e 23). No que se refere à consoante [k], podemos relacionar o índice alto de cancelamento à sua ocorrência em um vocábulo específico *porque*, que, além de muito frequente na língua, apresenta uma coda medial diferente das demais, por ter origem, na verdade, em uma coda final, a da preposição *por* que compõe o vocábulo.

Consoante subsequente	Oco/Total	% de apagamento	Peso Relativo
/k/	12/19	63%	0.71
/s/	2/4	50%	0.64
/g/	1/4	25%	0.34
/v/	1/10	10%	0.14

Tabela 7: Apagamento do *R* em coda medial em relação ao contexto subsequente – falantes menos escolarizados de Teresina (Input: 0.381)

(22) Não, poOque fica um correndo atrás do outro. (Teresina – Inf. 03 – menor escolaridade)

(23) com os peOsonagens dos atores. (Teresina – Inf. 03 – menor escolaridade)

É importante destacar que se registrou o cancelamento categórico do rótico em coda medial diante das fricativas /z/ e /f/, apesar de ter sido encontrado apenas um caso de *R* diante de cada uma dessas consoantes. Das 138 ocorrências do rótico em posição de coda medial na fala de indivíduos com baixa escolaridade, foram encontrados 18 registros de apagamento do segmento e em oito itens lexicais: *barzinho*, *marcante*, *albergue*, *março*, *perfume*, *força*, *serviço* e *porque* (item que registrou a maior frequência de apagamento: 11).

Considerações finais

A partir da análise empreendida, pode-se confirmar que o processo de apagamento do rótico está bastante avançado no Nordeste, especialmente no que se refere à coda final, porém seu

comportamento é diferenciado por capital, por contexto linguístico (coda final e coda medial) e por nível de escolaridade.

Os Gráficos 16 e 17, a seguir, apresentam um panorama geral do processo de apagamento nas duas capitais, levando em conta nível de escolaridade e contexto de ocorrência. Em coda medial, a questão é mais complexa: o processo é mais atuante em falantes de baixa escolaridade e pode ter relação com o item lexical em que está inserido o segmento e/ou ainda com as características acústico-articulatórias da consoante subsequente.

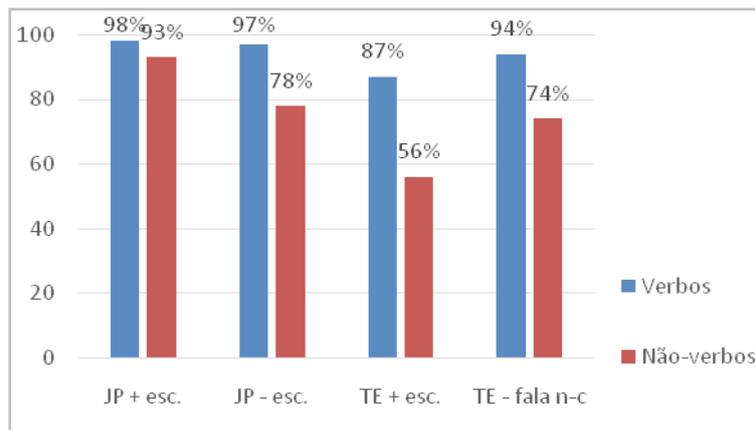


Gráfico 16: Apagamento do R em JP e Teresina, de acordo com a classe morfológica e nível de escolaridade (coda final)

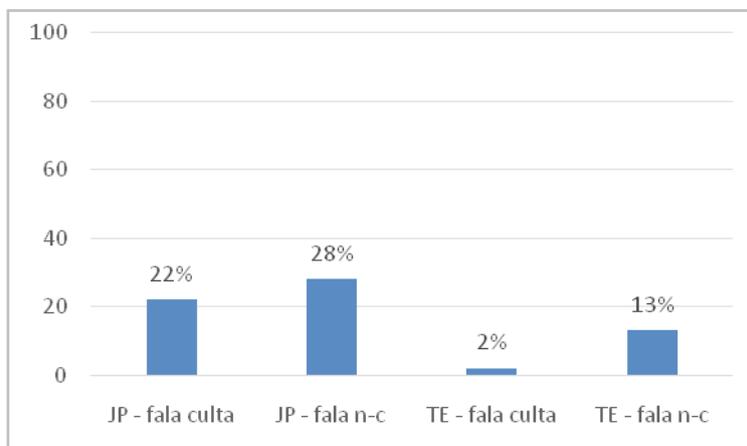


Gráfico 17: Apagamento do R em JP e Teresina por nível de escolaridade (coda medial)

Comparando nossos resultados com os apresentados nas cartas F04 C3 e F04 C6, do *Atlas Linguístico do Brasil* (CARDOSO *et al*, VOL 2, 2014), é possível ainda confirmar a hipótese de o processo estar mais avançado nos dialetos em que a norma de realização, em coda silábica interna, é uma fricativa glotal, isto é, uma aspiração. Observe-se que, em Teresina, em que existe uma tendência à preservação do segmento, nesse contexto, ocorrências de fricativa velar foram também registradas.

A partir dos resultados, concluímos que o apagamento do R nos verbos em posição de

coda final é praticamente categórico, tanto na fala dos indivíduos mais escolarizados quanto na dos menos escolarizados. As diferenças entre os percentuais de apagamento são ínfimas e o fenômeno se apresenta de tal forma avançado que se pode postular uma mudança em progresso, visto que há uma clara predominância do uso do zero fonético. Os indivíduos de ambas as cidades e de diferentes níveis de escolaridade optam, em seu uso vernáculo, pela não-realização do rótico nos verbos no infinitivo.

No que se refere ao comportamento do *R* em posição de coda final nos não verbos, verificamos que, em Teresina – capital em que o processo não está tão avançado – o fator escolaridade influencia o comportamento do fenômeno. A capital do Piauí apresenta 56% de apagamento do *R* na coda final de não verbos na fala de indivíduos mais escolarizados, o segundo menor de todo o Nordeste (cf. Gráfico 4), já na fala dos menos escolarizados, o percentual atinge 74%, quase se igualando ao de João Pessoa (78%), neste mesmo contexto.

Analisando todos os resultados obtidos em relação à coda final, pode-se afirmar que (a) João Pessoa apresenta índices elevados de apagamento do *R* tanto em verbos quanto em não verbos, sem distinção de escolaridade; (b) Teresina ainda apresenta uma diferenciação entre os índices de apagamento de indivíduos mais e menos escolarizados (mais nos não verbos do que nos verbos); (c) a capital do Piauí ainda retém mais o segmento se comparado a João Pessoa, e (d) não parece mais haver estigma social no que se refere ao cancelamento do *R* em posição de coda final, visto que:

(...) quando falantes mais cultos estão usando uma forma que anteriormente não tinha prestígio, isso significa que ela deixou de ser estigmatizada e passou a ser normal dentro da comunidade de fala de pessoas escolarizadas, o que pode significar mudança, ou seja, substituição de uma forma mais antiga pela forma mais nova. (CEZARIO & VOTRE, 2009, p. 152)

No que se refere às hipóteses postuladas para a coda final, confirma-se, mais uma vez, que a classe morfológica é fator determinante para o processo de apagamento, pois há maior índice de queda do *R* em verbos do que em não verbos. A dimensão do vocábulo também se mostrou relevante na atuação do fenômeno: vocábulos mais extensos tendem a não reter o segmento e vocábulos monossilábicos apresentam os maiores índices de preservação do rótico, por conta da sua maior saliência em vocábulos menores.

Em João Pessoa, ainda se percebe que a faixa etária é um fator atuante, visto que, indo ao encontro da nossa hipótese, indivíduos mais jovens tendem a utilizar a forma mais inovadora, o zero fonético, do que os mais velhos. Porém, no que se refere ao sexo, não foram registradas diferenças significativas entre os índices de apagamento na fala de homens e mulheres.

Os resultados referentes à coda medial apresentaram diferenças marcantes em comparação à coda final. Como era de se esperar, o fenômeno de apagamento atua de maneira distinta na coda medial, ou seja, os fatores que foram relevantes no processo de cancelamento do rótico

na coda final não são os mesmos na coda medial.

Diferentemente do que ocorre na coda final, a classe morfológica não é uma variável relevante no processo de apagamento do *R* na coda medial; não há registros de distinção entre os índices de apagamento de verbos x não verbos, bem como a dimensão do vocábulo não se mostrou fator significativo para o apagamento.

O nível de escolaridade no contexto de coda interna se mostra de extrema relevância para a aplicação da regra variável, isso porque os percentuais de apagamento do rótico são distintos no que se refere ao nível de escolaridade, tanto em Teresina quanto em João Pessoa. Na fala dos indivíduos com nível superior completo de Teresina, o índice de apagamento do *R* em coda medial é de apenas 2% e, na fala dos menos escolarizados, 13%. Percebe-se que os números ainda são baixos, principalmente se comparados aos números de apagamento da coda final, entretanto, nota-se que este fenômeno atinge com maior frequência a fala de indivíduos com baixa escolaridade. De forma menos contrastante, o mesmo acontece em João Pessoa, que apresenta índice de apagamento na fala dos indivíduos mais escolarizados de 22% e, na dos menos escolarizados, de 28%.

Além da escolaridade, a consoante subsequente é uma variável atuante no processo de apagamento em coda medial. O que se verificou foi que, tanto em João Pessoa quanto em Teresina, a presença de fricativas na vizinhança do rótico favorecem a sua queda. O /s/, principalmente, parece favorecer o apagamento do *R* em coda medial, remetendo ao processo histórico já citado sobre a assimilação de $RS > SS > S$. Além disso, o vocábulo *porque*, em Teresina, apresenta índice considerável de apagamento, talvez pela frequência de uso do vocábulo ou pelo *R* apresentar ali características de coda final.

A partir de tais resultados, pudemos aferir que (a) em Teresina, o fenômeno de apagamento em coda medial está menos avançado do que em João Pessoa, assim como na coda final; (b) apesar de o processo ainda parecer estar em seu início, João Pessoa apresenta índices elevados de apagamento – sendo o maior índice de todo o Nordeste na fala dos mais escolarizados (cf. Gráfico 5); (c) João Pessoa, por apresentar percentuais altos de apagamento do *R* em coda final, já apresenta índices também mais elevados de cancelamento na coda medial, e (d) o cancelamento do rótico em coda medial parece estar mais associado a falantes menos escolarizados.

Sendo assim, parece que o cancelamento do *R* em coda final não apresenta (mais) estigma social, enquanto o apagamento na coda medial parece manter o estigma, justamente por apresentar menor frequência de uso na fala de indivíduos mais escolarizados. Se tal variante pertence a uma variedade menos prestigiada, esta variante é considerada *inferior*; como afirma Gnerre (1998), nota-se que “uma variedade linguística ‘vale’ o que ‘valem’ na sociedade os seus falantes, isto é, vale como reflexo do poder e da autoridade que eles têm nas relações econômicas e sociais”.

Referências

- BRANDÃO, S.F; VIEIRA, S.R. (org.). *Ensino de gramática: descrição e uso*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.
- CALLOU, D.M.I. *Variação e Distribuição da Vibrante na Fala Culta do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: UFRJ/PROED, 1987.
- CALLOU, D.M.I.; SERRA, C.R. & CUNHA, C. Mudança em curso no português brasileiro: o apagamento do R no dialeto nordestino. *Revista da ABRALIN*, v. 14, p. 195-219, 2015.
- CALLOU, D.M.I.; LEITE, Y. & MORAES, J. Variação e diferenciação dialetal: a pronúncia do /r/ no português do Brasil. In: *Gramática do Português Falado vol. VI*, I.Koch, (ed.). Campinas: UNICAMP, 1996.p.465-493.
- CALLOU, D.M.I.; SERRA, C.; FARIAS, A. & OLIVEIRA, I. So/R/vete ~ soØvete: o cancelamento do rótico em posição de coda silábica medial no falar de Salvador. Trabalho apresentado no VIII Congresso Internacional Abralín, 2013.
- CARDOSO, S. *et al. Atlas linguístico do Brasil*. Cartas linguísticas, vol. 2. Londrina: EDUEL, 2014.
- CEZARIO, M.M. & VOTRE, S. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, M.E. (org.). *Manual de Linguística*. 1.ed. São Paulo: Editora Contexto, 2009.
- COMITÊ NACIONAL DO ALIB (BRASIL). Atlas Linguístico do Brasil: questionário2001/ Comitê Nacional do projeto ALiB – Londrina: Ed. UEL, 2001.
- FARIAS, A. & CALLOU, D.M.I. A distribuição do processo de apagamento do rótico nas quatro últimas décadas: três capitais em confronto. In: Grupo de Estudos Linguísticos e Literários do Nordeste – GELNE, 2014, Natal. 25ª Jornada Nacional do GELNE, 2014.
- FARIAS, A. & OLIVEIRA, I.C. Os róticos no Nordeste do Brasil: o apagamento em coda final e medial. 2013a.
- FARIAS, A. & OLIVEIRA, I.C. O apagamento do rótico no português brasileiro e no português europeu: o lido e o dito. In: IV colóquio brasileiro de prosódia da fala, Maceió. Anais do colóquio brasileiro de prosódia da fala, v. 2, 2013b.
- GAUCHAT, L. *L'unitéphonétique dans le patois d'unecomunne*. Halle, 1905.
- GNERRE, M. Linguagem, Poder e Discriminação. In: *Linguagem, Escrita e Poder*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- HORA, D. & MONARETTO, V. Enfraquecimento e apagamento dos róticos. In: D.Hora & G. Collischonn (orgs.). *Teoria Linguística: fonologia e outros temas*. João Pessoa: Editora Univer-
- Diadorim*, Rio de Janeiro, vol. 20 – Especial, p.365-389, 2018.

sitária, 2003. p. 114-143.

LABOV, W. *The social stratification of English in New York City*. Washington: Center for Applied Linguistics, 1966.

_____. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1991 [1972].

_____. *Principles of linguistic change*. Internal factors. Cambridge: Blackwell, 1994.

_____. A estratificação social do (r) nas lojas de departamentos na cidade de Nova York. In: LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2008.

LEITE, C.M.B. Estudo do /R/ em coda silábica medial e final no falar campineiro. In: Anais do VII Congresso Internacional da Abralín. Curitiba, 2011.

LEITE, Y. & CALLOU, D. *Como falam os brasileiros*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

MOLLICA, M.C. & BRAGA, M.L. (orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

MONARETTO, V. Descrição da vibrante no português do sul do Brasil. In: BISOL, L.; COLLISCHONN, G. (orgs.). *Português do Sul do Brasil*. Porto Alegre: EDIPUCRS, p.119-127, 2010.

NESPOR, M. & VOGEL, I. *Prosodic Phonology*. Dordrecht: Foris, 1986.

PAIVA, M. da C. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2013, p. 33-42.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, A. & SMITH, E. Goldvarb X: A variable rule application for Macintosh and Windows. Department of Linguistics, University of Toronto, 2005.

SERRA, C. & CALLOU, D. A interrelação de fenômenos segmentais e prosódicos: confrontando três comunidades. XXVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Coimbra, APL, p. 585-594, 2013.

_____. Prosodic structure, prominence and /r/-deletion in final coda position: Brazilian Portuguese and European Portuguese contrasted. In: *Amedeo De Dominicis*. (org.). *pS-prominenceS: Prominences in Linguistics International Conference*. 1. ed. Viterbo: DISUCOM PRESS, p. 96-113, 2015.

TENANI, L.E. *Domínios prosódicos do português do Brasil: implicações para a prosódia e para a aplicação de processos fonológicos*. Tese de doutorado em Linguística. Campinas: IEL/UNICAMP, 2002.

TEYSSIER, P. *História da Língua Portuguesa*. Trad. Celso Cunha. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

WEINREICH, U.; LABOV, W. & HERZOG, M. Empirical Foundations for Theory of Language Change. In: LEHMANN, P.; MALKIEL, Y. (eds.). *Directions for Historical Linguistics*. Austin: University of Texas Press, p. 95-188, 1968. [Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística. Trad.: Marcos Bagno; revisão técnica: Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola, 2006.]

WILLIAMS, E.B. *Do Latim ao Português*. 3. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

Sobre Dinah Callou — *Aline de Jesus Farias Oliveira, Vitor Gabriel Caldas e Carolina Ribeiro Serra*⁵

⁵ Este artigo é fruto do trabalho de conclusão de curso de graduação (Licenciatura em Letras Português-Literaturas – UFRJ) de Aline de Jesus Farias Oliveira. A aluna, orientada pela professora Dinah Callou durante toda a iniciação científica, mestrado e doutorado (ainda em curso), juntamente com o colega Vitor Caldas, também orientado pela professora em projeto de iniciação científica, e com a professora Carolina Serra (UFRJ), trazem este estudo como uma singela homenagem àquela que tanto se dedicou aos estudos de variação sobre os róticos no português.